



## A VIDA COMO ENCENAÇÃO OU ARTIFÍCIOS PARA A INTERAÇÃO NO PALCO DA CULTURA CONTEMPORÂNEA

**Fernanda Fortuna Pizzi**

Programa de Pós-Graduação em Comunicação – UERJ

Parece certo que o advento e a multiplicação das possibilidades dos usos tecnológicos apontam para algumas alterações que transformam as experiências de corpo, pensamento, trabalho, espaço, tempo e sociabilidade.

Ao teórico de Comunicação, cabe pesquisar e refletir sobre a conexão entre tecnologias de comunicação e mudança cultural. Essa conexão orienta sobre as mudanças possíveis no que pensamos ser. Afinal, em que medida e como as novas tecnologias transformam o que somos e o que podemos ser? Que transformações essas tecnologias provocam em nossas formas de interação e sociabilidade?

É certo que estas são questões que não têm uma resposta inequívoca, mas são obrigatórias para quem tem a Comunicação como objeto de estudo. Investigar a relação entre conceitos como meios de comunicação, espaço, tecnologia, identidade e cultura permite avaliar tal mudança com mais clareza.

A presença dos meios de comunicação são a mola propulsora dos acontecimentos que, mais do que difundir as instituições ocidentais através do mundo, introduzem novas formas de interdependência mundial. Se hoje vivemos em uma sociedade reflexiva e ciente de seu estado precariamente construído, é graças às opções e à diversidade com as quais a mídia nos brindou.

Surgindo no seio de uma cultura dominada pela tradição, os meios de comunicação lideram transições culturais que modificam profundamente a estrutura e os valores da sociedade.

Ao permitir a separação do tempo e do espaço, os meios de comunicação viabilizam a reflexividade moderna e as descontinuidades que destacam o moderno do tradicional. Em *As conseqüências da modernidade*, Anthony Giddens descreve tal deslocamento e suas conseqüências:

“Nas sociedades tradicionais, espaço e tempo coincidem amplamente, na medida em que as dimensões espaciais da vida social são, para a maioria da população, dominadas pela presença – por atividades localizadas. O advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relação entre outros ausentes, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face. Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico: isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a forma visível do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza” (GIDDENS, 1991, p. 27).

O dinamismo da modernidade deriva, portanto, da separação do tempo e do espaço e do “desencaixe”, isto é “o deslocamento das relações sociais dos contextos locais de interação e sua recombinação através de distâncias indeterminadas do espaço/tempo” (GIDDENS, 1991, p. 29). A ordenação e reordenação reflexiva das relações sociais à luz de informação constantemente renovada fornece múltiplas possibilidades de mudança que afetam as ações de indivíduos e grupos, liberando-os das restrições dos hábitos e das práticas locais. As organizações modernas são capazes de conectar o local e o global de formas que seriam impensáveis em sociedades mais tradicionais.

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. Dada a estabilidade da fixidez da vida social e da existência de um objeto como referente, as regras e instituições tornam-se inevitáveis, necessárias até, porque monitoram a ação e garantem que a rotina da vida cotidiana reproduza a herança cultural.

A reflexividade, por sua vez, é necessariamente instável, o que reflete a natureza de suas instituições. Em condições de modernidade, o futuro está sempre aberto, uma vez que as práticas sociais são incessantemente reformuladas a partir de informação. Daí a arbitrariedade das regras e a precariedade das instituições modernas.

Sem referentes, as três grandes instituições da Modernidade – o trabalho, a política e a escola –, que constituíam a fonte de sentido coletivo da vida, entram em crise. O significado da vida se separa então do que o indivíduo ou a comunidade fazem e passa a se definir a partir do que se é. A sociedade em rede não é somente um fenômeno de conexões tecnológicas, mas a disfunção sistêmica do global e do local mediante a fratura de seus marcos temporais de experiência e poder: frente à elite que habita o espaço atemporal das redes e os fluxos globais,



as maiorias ainda habitam o espaço/tempo local de suas culturas, e frente à lógica do poder global, se refugiam na lógica do poder que produz a identidade.

Da cultura tradicional à cultura moderna, da modernidade à atualidade: ao permitir a separação do tempo e do espaço, a mídia faz da virtualidade nossa realidade.

Fica claro, portanto, como as novas tecnologias de comunicação estão transformando nossa experiência de espaço e, assim, o que é o movimento. Desde o telégrafo, foi possível dissociar a transmissão de informações do deslocamento no espaço dos homens. Na seqüência, o rádio, a televisão, o computador, a Internet e a realidade virtual, cada um a seu modo, alteram a distinção entre o próximo e o longínquo e, deste modo, a separação entre o real e o imaginário. Chegamos assim ao nosso mundo, onde o simultâneo não se define mais pela extensão perceptiva e motora do corpo; depende, sim, da velocidade de conexão na transmissão de informação. A novidade propiciada pelas novas tecnologias é a dissociação entre contiguidade e simultaneidade, a condição da interação. Não é preciso que haja proximidade espacial para os homens poderem interagir.

Nesse sentido, a constituição da subjetividade será investigada numa relação direta com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação.

A ausência de referentes e a crise da verdade que a Modernidade inaugura refletem uma precariedade existencial e criam novas formas de vulnerabilidade psicológica. A coexistência de características paradoxais que permeiam todos os aspectos da vida cotidiana é fonte de ansiedade e incerteza. Que subjetividade emerge num universo em que confiança, risco, segurança e perigo convivem? E o que dizer da construção da identidade quando se tem consciência da arbitrariedade das práticas? Quais são as formas possíveis de lidar com esse ambiente de precariedades?

As tendências globalizantes em voga vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala e promovem a distinção entre local e global, entre povo e elite. Cabe, portanto, articular a dialética local – global às diferentes reações que a experimentação a que a precariedade convida pode gerar: de um lado, desejo do múltiplo e efêmero; do outro, desejo de uma identidade imune ao tempo.

Partindo do pressuposto de que o “espaço é a expressão da sociedade” (CASTELLS, 2000, p. 435) e que os processos sociais atuam no ambiente construído, o espaço será utilizado como eixo para avaliar as transformações nas formas de interação e sociabilidade.



Dos lugares aos fluxos, a inquieta simultaneidade do local e do global

A teoria de espaço aqui utilizada segue aquela apresentada por Manuel CASTELLS (2000) em seu *A sociedade em rede*, segundo a qual

“espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado. (...) Por práticas sociais de tempo compartilhado, refiro-me ao fato de que o espaço reúne essas práticas que são simultâneas no tempo. É a articulação material dessa simultaneidade que dá sentido ao espaço *vis-à-vis* a sociedade. Tradicionalmente, essa idéia foi assimilada à contiguidade. Mas é essencial que separemos o conceito básico de suporte material de práticas simultâneas da noção de contiguidade, a fim de justificar a possível existência de suportes materiais de simultaneidade que não dependam de contiguidade física, visto que é exatamente este o caso das práticas sociais predominantes na era da informação” (CASTELLS, 2000, p.436).

Nossa sociedade está construída em torno de fluxos – fluxos de capital, de informação, de tecnologia, de interação, de imagens etc. –, que são a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. Assim, “o suporte material dos processos dominantes em nossas sociedades será o conjunto de elementos que sustentam esses fluxos e propiciam a possibilidade material de sua articulação em tempo simultâneo. (...) Há uma nova forma espacial característica das práticas sociais que dominam e moldam a sociedade em rede: o espaço de fluxos”(CASTELLS, 2000, p.436-7).

A teoria do espaço de fluxos parte da suposição implícita de que as sociedades são organizadas de maneira assimétrica em torno de interesses dominantes. O espaço de fluxos não é a única lógica espacial de nossas sociedades. É, contudo, a dominante. A articulação das elites e a segmentação e desorganização da massa parecem ser os mecanismos gêmeos de dominação social em nossas sociedades. As elites são cosmopolitas, as pessoas são locais. O espaço de poder e riqueza é projetado pelo mundo, enquanto a vida e a experiência das pessoas ficam enraizadas em lugares, em sua cultura, em sua história.

Fato é que o espaço de fluxos não permeia toda a esfera da experiência humana na sociedade em rede. A grande maioria das pessoas vive em lugares e, portanto, percebe seu espaço com base no lugar. Mas como a função e o poder em nossas sociedades estão organizados no espaço de fluxos, a dominação estrutural de sua lógica altera de forma fundamental o significado e a dinâmica dos lugares. A experiência, por estar relacionada a



lugares, fica abstraída do poder, e o significado é cada vez mais separado do conhecimento. Segue uma esquizofrenia estrutural entre duas lógicas espaciais que ameaça romper os canais de comunicação da sociedade. A tendência predominante é para um horizonte de espaço de fluxos a-histórico em rede, visando a impor sua lógica nos lugares segmentados e espalhados, cada vez menos relacionados uns com os outros, cada vez menos capazes de compartilhar códigos culturais.

Essa mesma esquizofrenia entre duas lógicas contraditórias surge como um dos efeitos da Globalização, experiência desta evolução tecnológica que não é integradora, apresentando-se aos indivíduos na simultaneidade paradoxal de oportunidade e dever.

Quando dissecamos as manifestações da globalização nas nossas percepções de tempo e espaço, podemos avaliar seus efeitos sobre as estruturas sociais.

Zygmunt BAUMAN (1999, p. 8) sustenta que:

“a globalização tanto divide como une; divide enquanto une – e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo. Junto com as dimensões planetárias dos negócios, das finanças, do comércio e do fluxo de informação, é colocado em movimento um processo ‘localizador’, de fixação no espaço. Conjuntamente, os dois processos intimamente relacionados diferenciam nitidamente as condições existenciais de populações inteiras e de vários segmentos de cada população. O que para alguns parece globalização, para outros significa localização: o que para alguns é sinalização de liberdade, para muitos outros é um destino indesejado e cruel.

O ‘estar em movimento’ tem um sentido radicalmente diferente, oposto, para os que estão no alto e os que estão embaixo na nova hierarquia, com o grosso da população suportando o impacto dessa oposição e sofrendo em consequência uma aguda incerteza existencial, ansiedade e medo. (...) As preocupações com a segurança, o mais das vezes reduzidas à preocupação única com a segurança do corpo e dos bens pessoais, são sobrecarregadas de ansiedades geradas por outras dimensões cruciais da existência atual – a insegurança e a incerteza.”

A metáfora “turistas e vagabundos” (BAUMAN, 1999, p. 85) ilustra muito bem a nova polarização desta sociedade de leis globais e ordens locais: a mobilidade e sua ausência. No entanto, é necessário problematizar as relações que global e local desenham no que se refere às múltiplas possibilidades de construção da identidade. A aposta é a de que o local, fixo em sua localidade, deseja a continuidade e a historicidade da identidade questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais. Ele quer os confortos da



tradição, quer uma identidade mais radicalmente eterna (o ressurgimento de nacionalismos e o crescimento do fundamentalismo reforçam esta hipótese). O global, por sua vez, goza da experimentação e da fugacidade que a imagem permite e constrói identidades variadas.

As relações entre o espaço de fluxos e o espaço de lugares, entre globalização e localização simultâneas, não implicam um resultado determinado. E nem poderiam. Estes são alguns dos aspectos que caracterizam nossa atualidade. Em sua ambigüidade, ambas as relações podem ajudar a entender nossa cultura como comunicacional e nossa atualidade como contemporaneidade.

### **Tudo ao mesmo tempo e agora: a cultura comunicacional**

Em *Contemporaneidade e novas tecnologias*, Márcio Tavares D’Amaral propõe uma discussão acerca do mundo contemporâneo e do que seria capaz de diferenciá-lo. Eis a aposta: “a eficácia tecnológica que tudo conduz, a mediação generalizada que tudo produz, a simulação astuciosa que tudo seduz” (D’AMARAL, 1996, p. 9).

Podemos enumerar, portanto, três elementos-chave: tecnologia, mediação e simulação. Dissecá-los fornece uma boa pista sobre esta cultura que definiremos como comunicacional.

A tecnologia é a potência de transformação de naturezas, a possibilidade de submeter a diferença até as bordas, colocando em movimento o corpo como uma dimensão retórica. Como fabricação de artificios, a tecnologia é um híbrido por excelência. Está em vigor a estética do artificial. Os meios técnicos se constroem indistinta e simultaneamente.

As tecnologias comunicacionais e da inteligência propõem um mundo de simulacros e seduções, um cenário de mediação generalizada em que

“assistimos a uma co-produção da realidade sensível na qual as percepções diretas e mediatizadas se confundem para construir uma representação instantânea do espaço, do meio ambiente. Termina a separação entre a realidade das distâncias e a distanciação das diversas representações. A observação direta dos fenômenos visíveis é substituída por uma teleobservação na qual o observador não tem mais contato imediato com a realidade observada” (VIRILIO, 1993, p. 23).

Positivar a mediação generalizada significa reconhecer que hoje tudo se passa no meio.

E o que dizer da simulação?

Salta aos olhos a disseminação das práticas de simulação no cotidiano contemporâneo. Nesses sistemas, o espaço é gerado com o discurso, assim como a imagem é gerada no fluxo. Firma-se, desta forma, a cumplicidade entre ciência e arte, entre tecnologia e sensibilidade, levando-nos a perguntar pelas estratégias que nos capacitam a nomear realidades. A simulação oferece um real sem realidade, um jogo de ausências, em que tudo é ficção.

Temos, assim, uma cultura que se desenha na produção de artificios<sup>1</sup>. A comunicação como o princípio para qualquer encontro, o cérebro como o mais requintado dos processadores, a visão como o mais hábil construtor de cenários e a vida como uma incessante performance, são os pontos de tensão.

Esta é também uma cultura de simultaneidades:

“O homem comum experimenta a simultaneidade do consistente e do virtual, da Referência e da Indiferenciação, da transcendência e da imanência, da verdade e da simulação, sem temer o paradoxo: o homem comum o vive. À cultura que permite viver o paradoxo, para além das partilhas clássicas da opinião e da verdade, do senso comum e da ciência, do consciente e do inconsciente, do ilusório e do real – a essa cultura chamarei comunicacional. Este é o ambiente em que emerge, como massa, indivíduo na massa, consumidor, cidadão, o homem comum: a cultura comunicacional. Partilhar o comum – real, virtual, imagético, informacional – eis a comunicação. A um só tempo moderna e contemporânea, a cultura comunicacional vela pela verdade – o que se partilha em comum, a informação –, mas não a encontra mais no seu antigo lugar; e gera a proliferação imaginal das simulações, que não são o verdadeiro, mas a imaginação do mais verossímil quando a verdade se retrai.” (D’AMARAL, 1996, p. 12).

Simultaneidade de tempos (contemporaneidade) e espaços (virtualidade, onde se dá a comunicação das naturezas diferentes) que experimenta subjetivações e artificios, consistências e virtualidades, tudo ao mesmo tempo, tudo soldado num corpo paradoxal. Paradoxo este que revela alguns de nossos legados: “nós, modernos malgrado as virtualidades, contemporâneos a despeito de sujeitos e verdades” (D’AMARAL, 1996, p.13).

É fato que trazemos em nossa bagagem as ossificações modernas. No entanto, cada vez menos estranhamos a imaterialidade e a simulação e, sem dúvida, a tecnologia intelectual contemporânea nos aproximou da virtualidade na dimensão da fabricação dos corpos. A noção de encenação<sup>1</sup> tem na tecnologia do virtual, por sua plasticidade, por seus dispositivos

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.





fluidos e pela interdependência das modalidades perceptivas, um forte aliado para a compreensão da co-implicação das duas realidades – virtual/atual.

Não é precipitado afirmar, portanto, que estamos diante de uma mudança de paradigma cultural. O poder hoje já não está em ver e dizer, mas em decidir sobre as informações fartas e disponíveis no mundo: não se trata de um objeto como referente, mas de imagens de um objeto. A verdade já não está caucionada pelo sensível que força a percepção a caber numa classificação. O mundo começa a poder passar muito bem se sustentado por uma realidade virtual.

Da série clássico-moderno “fundamentos-referência-real-sentido-verdade” à série “produção-processamento-virtualidade-sinal-simulação”, tem-se o predomínio da imagem. Ver vem antes de falar. Diferentemente dos objetos, a imagem tem um potencial de ruptura, justamente porque não pertence ao registro perceptivo, e sim ao afetivo. O vazio da ausência de referente, próprio da virtualização, fala diretamente de imagens em dissolução, do instantâneo, da metamorfose, de que tudo está por um segundo e certamente isso tem tido uma dimensão avassaladora, com ecos na construção das identidades e das interações.

Daí um sujeito não mais unificado na representação caucionada pela verdade, mas um sujeito primeiro fragmentado na relação dinâmica com os ambientes e, mais recentemente, dissolvido nos fluxos e excitado pelas imagens, imagens estas que não cessam de se transformar, em vez de se fecharem num referente.

Portanto, esta contemporaneidade é também um momento de crise, que corresponde, antes de mais nada, à crise das referências, à incapacidade de avaliar os acontecimentos em um meio em que as aparências estão contra os indivíduos. O desequilíbrio crescente entre a informação direta e a informação indireta, fruto do desenvolvimento de diversos meios de comunicação, tende a privilegiar indiscriminadamente toda informação mediatizada em detrimento da informação dos sentidos.

A tecnologia mostra um fazer e um conhecer simultâneos, fazendo do estilo uma convocação à diferença<sup>1</sup>. Viver no universo da atualidade é viver num ambiente de oportunidade e risco, concomitantes inevitáveis de um sistema orientado para a dominação da natureza e para a feita reflexiva da história. Sensações de inquietude, desespero e ansiedade podem se misturar na experiência individual quando conceitos até então inquestionáveis e as

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.





crenças provedoras de segurança estão em xeque. A sensação de ser presa das maciças ondas de transformação global é perturbadora.

Quando se vive a certeza das crises, a narrativa da auto-identidade<sup>1</sup> se torna inerentemente frágil, fragmentada. Stuart HALL (2002, p. 68) sustenta que

“um novo tipo de mudança estrutural está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, etnia, raça e nacionalidade, que no passado nos proporcionaram sólidas localizações como indivíduos sociais. Transformações que também estão alterando nossas identidades pessoais. Essa mudança aponta essencialmente para a multiplicação de referentes, pois o descentramento é da sociedade e dos indivíduos, que agora vivem uma integração parcial e precária das múltiplas dimensões que o conformam. O indivíduo já não é mais indivisível, e qualquer unidade que se postule tem muito de uma ‘unidade imaginada’.”.

Anthony GIDDENS (1991) sugere que esta contemporaneidade cria novas formas de “vulnerabilidade psicológica”. Entre as tendências globalizantes da atualidade, há também a transformação da intimidade.

“Até onde durarem as instituições da modernidade, nunca seremos capazes de controlar completamente nem o caminho nem o ritmo da viagem. E nunca seremos capazes de nos sentir inteiramente seguros, porque o terreno por onde viajamos está repleto de riscos de alta consequência. Sentimentos de segurança e ansiedade existencial podem coexistir em ambivalência.” (GIDDENS, 1991, p. 140).

Richard SENNETT (1999) traduz este processo como a corrosão do caráter em voga nesta sociedade impaciente, que se concentra no momento imediato e cuja economia, uma vez dedicada ao curto prazo, tem fome de mudança.

Compromisso, lealdade, confiança são corroídos pelo princípio de que “não há longo prazo”. O capitalismo de curto prazo corrói as qualidades de caráter<sup>1</sup> que ligam os seres humanos uns aos outros e dão a cada um deles um senso de identidade sustentável.

Mudar, não se comprometer, não se sacrificar, correr riscos, ser espontâneo, prosperar em meio à desordem e estar aberto a mudanças é o que o “não há longo prazo” significa quando transposto para as relações humanas. Os valores de camaleão da nova economia estão presentes nas interações entre os indivíduos.

“O segredo é não deixar que nada se grude na gente”

(SENNETT, 1999, p.92).

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



Como pode um ser humano, impregnado de tais valores de camaleão, desenvolver uma narrativa de identidade e história de vida numa sociedade composta de episódios e fragmentos?

### **Encenando: a pose como expressão da vontade de comunicação**

O controle da vida e dos passos das pessoas séculos atrás era ao mesmo tempo opressor e tranquilizante, ninguém precisava decidir muita coisa, já estava tudo pronto. Com as novas tecnologias, todos ficaram livres e, ao mesmo tempo, um pouco sem direção. Constatação que não surpreende, posto que tais tecnologias provocam um deslocamento da experiência sem determinar o novo modo de experimentar. E a sensação de estar à deriva aumenta quando muda o que constitui limite ao movimento: sobrevivência, pressão temporal e excesso de informação.

Num cenário de velocidade e inevitabilidade da mudança – movimentar-se é obrigação, e não opção –, tem-se a sensação de um futuro fechado quando a tecnologia prolifera possíveis. Daí vem a angústia, angústia diante da possibilidade de não se estar na plena posse de si mesmo; diante da diversidade de sensibilidades que a sucessão permanente de fluxos oferece. Angústia diante de um mundo volátil, que se define como um quadro sucessivo das imagens externas e tem a dúvida como instituição. Angústia diante da dificuldade de separar o sério do jogo, já que a simulação transforma tudo em espetáculo, consumo e sedução.

“Como desejar o que se deseja?” permanece como tarefa ética, mas uma série de outras questões exige reformulação.

Como o indivíduo reage a tanta indefinição? Como se constitui a subjetividade no interior de uma cultura que é só artifício, só circulação de imagem? Que formas de interação são possíveis neste mundo que nos surpreende e nos torna perplexos por hospedar coisas impossivelmente reais e desconhecidamente certas, definidas pelo indefinido?

Quais seriam as formas de sociabilidade possíveis quando não se tem mais uma única identidade e vive-se a crise do longo prazo?

E o que pode ser a comunicação quando as pessoas parecem guiadas pela estética do consumo e os consumidores são, acima de tudo, “acumuladores de sensações”?

O cotidiano é construído pela avalanche de imagens que circulam tanto no real físico como no real virtual. Imagens materiais e imateriais constroem umas às outras, emparelhando real e ilusão. Trata-se de um regime de circulação do impuro, de uma realidade produzida e sustentada pela representação cultural, pela consciência da ficção na estratégia de referência.

Quando o que está em jogo são simulações, simulacros e seduções de sentidos, verifica-se um sujeito dividido entre a lealdade que deve aos compromissos e deveres, e a sensação de que tudo é sonho. Afinal, este é um sujeito ciente de que, via simulação, é possível fazer realidade de tudo sem fazer nada. Quanto maior a adesão ao jogo, mais completa a ilusão de verdade. E o prazer de jogar é, justamente, o prazer de convencer, ou seja, a crença no irreal amplamente partilhada. Comunicação como articulação estética: o prazer de jogar o jogo, o convencimento a que o outro participe da ficção, permitindo compreender a condição da ilusão. Sabe-se que um discurso fabrica uma realidade mais que a representa. Portanto, o prazer estético é aquele de realizar o contágio, a comunicação. O novo motor é o desejo.

Como lidar com a possibilidade e a quase imposição de incessantemente desejar o inesperado e viver realidades ficcionais? Como se manter em movimento, quando não se tem a opção do repouso para reflexão e quando se carrega uma identidade múltipla, que não cessa de mudar à luz do imperativo imagético?

É certo que há uma infinidade de respostas aplicáveis. Este artigo aponta para quatro possíveis reações do homem – diagnóstico que se sustenta na medida em que indica uma correspondência entre as hipóteses formuladas e a realidade vigente. E aqui é necessário rever o jogo que o local e o global guardam com a construção de identidade. Uma das atitudes se aplica ao povo (local): em linha com o desejo de reinventar a tradição, o local busca revitalizar os laços de comunidade de maneira extremamente simplificada. É o desejo de coesão, de purificação.

Em contraste, podemos apontar três atitudes para a elite. Em primeiro lugar, um sujeito que se volta para a introspecção: privado de pontos de referência firmes e ofuscado pelo brilho das imagens, busca o significado e a estabilidade no eu interior. Verifica-se aqui uma assimetria entre a potência do texto e a moral que dele se apropria.

Em segundo, um sujeito que precisa se mostrar: mais do que ver, ele nutre a fantasia de ser o objeto do sonho de outra pessoa. Nessa pulsão do se mostrar, a intimidade exposta



parece ser a resposta ao vazio criado pelo desaparecimento das crenças e das religiões e pelo branco total que vem junto com a cultura tecnológica. Hoje, com a massificação e a impessoalização, terminou a demanda do íntimo: as pessoas entregam-no facilmente, haja vista a multiplicação dos diários íntimos na Internet. Efeito das novas tecnologias de comunicação: a facilidade de exposição, aliada a uma alta sensação de insignificância (não há mais deuses, nenhum valor é mais alto do que a própria prova de existência), escancarou as comportas da subjetividade. Mostrar-se, mas principalmente mostrar-se na tela, já que o outro mundo dissolveu-se no ar, torna-se a meta mais alta e a única.

Em terceiro, vem o que consideramos a reação mais usual. Nada mais simples e complexo do que uma vontade de comunicação, que revela um indivíduo à procura de uma saída. É a vida como um imenso desamparo em que se busca, no contato, uma generosidade insuspeitada.

A comunicação é aqui uma inclinação sobre o outro (o mundo) num impulso de contágio para uma maior compreensão deste (que nos excede). E um impulso não é senão um afeto, ou seja, não há nada fora das relações afetivas. O corpo se desloca de si como objeto para tornar-se imagem, aparência. O que é oferecido ao olhar é sempre uma simulação. E nós estamos em franca encenação. Daí a aposta de que fazemos pose<sup>1</sup> a todo instante. Nossa interação se dá via imagem. Porque o intuito deste contágio é gerar figurações (poses), ou seja, trans-figurar: trans indicando o movimento por excelência e a pose, um artifício para a interação.

Num mundo em que as imagens têm tido uma movimentação frenética, um aparecer/desaparecer, uma instantaneidade de visibilidades, contaminando e determinando as subjetividades, trata-se de afetar e pôr em movimento um indivíduo que parece não saber escolher nem mesmo a cor de uma roupa.

E a imagem expressada tem que maravilhar, seduzir, como ver e convencer para viabilizar o contágio. Nesse caso, o estilo é o artifício<sup>1</sup>. Tudo é impulso para tornar visível, para dar condições perceptuais ao que se imagina, e com isso, trazer o outro para a nossa órbita, portanto, vontade de comunicação.

Assim, no delírio de discursos do cotidiano contemporâneo, argumentamos que a comunicação se tornou intoxicação, vontade de contágio, disponibilidade à contaminação.

1 Trabalho apresentado no Núcleo de **Tecnologias da Informação e da Comunicação**, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003.



## Referências bibliográficas

- BARBERO, Jésus Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Globalização: as conseqüências humanas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Liquid modernity*. Cambridge: Polity, 2000.
- BIJKER, Wiebe, HUGHES, Thomas, PINCH, Trevor. *The Social Construction of Technological Systems*. Cambridge. Massachussets: MIT, 1987.
- BOLTANSKI, Luc. *La souffrance à distance*. Paris: Métailié, 1993.
- BRIGGS, Asa, BURKE, Peter. *A social history of the media – from Gutenberg to the Internet*. Cambridge: Polity, 2002.
- BRUNO, Fernanda . *Fronteiras do Humano: a questão da técnica na sociedade comunicacional contemporânea* . Dissertação (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2001.
- CABRAL, Márcia . *Mimese: do infinito do olhar ao finito do visto* . Dissertação (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANCLINI, Néstor García. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CLARK, Andy. *Being There: putting brain, body and world together again*. Cambridge. Massachussets: MIT, 1997.
- D'AMARAL, Márcio (org.). *Contemporaneidade e Novas Tecnologias*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1996.
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*, vol 1. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O que é a filosofia?*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1992.
- DENNETT, Daniel. *Tipos de Mentis: rumo a uma compreensão da consciência*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.



- DERTOUZOS, Michael. *O que será*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DIBBELL, Julian. *My tiny life*. New York: Owl Books, 1998.
- DONDIS, Donis. *Sintaxe da linguagem visual*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: 34 Letras, 1992.
- JOHNSON, Steven. *Interface Culture*. New York: Basic Books, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Emergence: the connected lives of ants, brains, cities and software*. New York: Scribner, 2001.
- JORDAN, Tim. *Cyberpower: the culture and politics of cyberspace and the Internet*. New York: Routledge, 1999.
- KELLY, Kevin. *Out of Control: the new biology of machines, social systems, and the economic world*. Massachusetts: Perseus Books, 1994.
- LASCH, Christopher. *A cultura do narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1994.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- \_\_\_\_\_. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Ed. 34, 1993.
- LIPOVESTSKY, Gilles. *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D'Água, 1989.
- \_\_\_\_\_. *O império do efêmero*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- LYOTARD, Jean-François. *A Condição Pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1998.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MANOVICH, Lev. *The Language of New Media*. Cambridge. Massachusetts: MIT, 2001.
- MITCHELL, William J.. *E-topia*. Cambridge. Massachusetts: MIT, 2000.
- MIRANDA, José A. Bragança de e COELHO, Eduardo Prado (org.). *Tendências da cultura contemporânea*. Lisboa: Relógio D'Água, 2000.
- MURRAY, Janet H. . *Hamlet on the holodeck*. New York: Free, 1997.
- NEGROPONTE, Nicholas. *A vida digital*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- NETO, A. F. (org.). *O indivíduo e as mídias*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.



- OLIVEIRA, Luiz Alberto. *A Natureza Inacabada: caos, acaso, tempo*. Simpósio A Crise da Razão. Rio de Janeiro, FUNARTE, 1995.
- SANTAELLA, Lúcia, NÖTH, W. *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SERRES, Michel. *Atlas*. Paris: Éditions Julliard, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Hermes IV - La distribution*. Paris: Minuit, 1977.
- SHAPIRO, Andrew L.. *The control revolution*. New York: Public Affairs, 1999.
- SIMMEL, Georg. “The Metropolis and Mental Life.” In: SENNET, Richard. *Classic Essays on the Culture of Cities*. New Jersey: Prentice-Hall, 1969.
- SIMONDON, Gilbert. *Du mode d’existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.
- SODRÉ, Muniz. *Reinventando a cultura*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TURKLE, Sherry. *Life on the screen: identity in the age of the internet*. New York: Touchstone, 1997.
- VIRILIO, Paul. *O espaço crítico*. Rio de Janeiro: 34 Letras, 1993.
- WEISSBERG, Jean-Louis. *Présences à distance*. Paris: L’Harmattan, 2000.
- WERTHEIM, Margareth. *The pearly gates of cyberspace*. New York: W.W. Norton & Company, 1999.